

A VIAGEM DE UM BARQUINHO

- Peça infantil de Sílvia Ortoff



CENÁRIO

Num lugar todo branco. Aparece uma lavadeira toda de branco. Ela vem com uma trouxa à cabeça. Começa a preparar a roupa para lavar. Toda a roupa, também, é branca.

LAVADEIRA - Vim lavar a minha roupa neste lugar. Minha roupa é branca, o lugar também é branco... Eu não vejo nenhum tiquinho de azul, cor de água de rio, ou de lagoa, para lavar a minha roupa... Como é que vai ser?

LAVADEIRA : (lavadeira procura água) - Tudo branco eu preciso muito de um pouco de água azul! Esperem aí, eu volto já. (Sai correndo. Volta, em seguida com um longuíssimo pedaço de pano azul).

LAVADEIRA - Pronto. Eu trouxe um segredo... Eu trouxe um segredo de verdade! Isto aqui, (mostra o pano) é um rio de água azul. Um rio de brinquedo! Vou estender o meu rio em voltas e voltinhas... até lá longe...lá longe, onde acabam os rios!

Vim lavar a minha roupa/com água pura e sabão/ neste rio de brinquedo/ que eu estendo neste chão!/ Como a água está gelada... Atchin!/ vou acabar resfriada! Atchin! (Lavadeira começa a lavar a roupa cantando).

LAVADEIRA - Lava, lava, lava, lavadeira/ lavar roupa é boa brincadeira! (Bis)

(Vai mostrando as roupas, enquanto as lava.)

LAVADEIRA - Um vestido de princesa,/ as meias do senhor Frade/ e uma toalha de mesa./ Uma ceroula bordada/ do Rei Páfúncio Anastácio/ de uma estória de fada! (Vai mostrando as roupas, quando aparece um menino, muito aflito chorando muito)

LAVADEIRA - Menino, o que é isso?
Você caiu?

MENINO - Não caí, não!

LAVADEIRA - Você está com dor de barriga, unha encravada, espinho no pé?

MENINO - Não estou com dor de barriga, nem unha encravada, nem espinho no pé! (Continua a chorar)

LAVADEIRA - Então, você não tem motivo para chorar!



.....

MENINO - Tenho!

LAVADEIRA - Diga logo o que é, menino!

MENINO - Ele foi embora... Ele fugiu!

LAVADEIRA - Quem foi que fugiu?

MENINO - O meu amigo... O meu amigo barco de Papel...

LAVADEIRA - Você tinha um amigo Barco de Papel?

MENINO - Eu fiz um barco de papel... Todos os dias, ele brincava' comigo... era o meu único brinquedo... Ele era o meu navio, eu era o seu marinheiro...

LAVADEIRA - Que bonito! E o que foi que aconteceu?

MENINO - Ele fugiu!

LAVADEIRA - Sabe, todo barco sente saudade do mar... Com certeza, ele sentiu saudade do mar e foi viajar... Isso acontece com os barcos depois de uma certa idade.

MENINO - Mas ele era ainda tão menino!

LAVADEIRA - Era menino para você, que fabricou o barquinho. Para' ele, já era um barco grande, sonhando coisas de mar...

MENINO - Eu queria tanto encontrar o meu barquinho? Você, que é 'lavadeira, que conhece água e rios, não quer vir comigo?

LAVADEIRA - Está certo. Mas, antes, vou entregar a roupa, está 'bem?

MENINO - Muito obrigado!

LAVADEIRA - Vamos em busca do barquinho! Juízo, ouviu? (Sai, carregando a roupa).

MENINO - Está certo. Enquanto você vai entregar a roupa, eu fico' esperando. Mas, não demora, ouviu?

LAVADEIRA - (Voltando) O que foi que você disse?

MENINO - Eu disse pra você não demorar, está certo?

LAVADEIRA - Se você não tivesse me chamado, eu já tinha ido. Volto já. Até logo!

MENINO - Até logo!

LAVADEIRA - (Voltando) Cuidado para não cair no rio, ouviu?

MENINO - Sim, está certo, não demora, por favor!

LAVADEIRA - Ponha este casaquinho, e este chapéu. O casaquinho é' pra se fazer frio, o chapéu, é pra se fazer sol. (Sai)

MENINO - (Vestindo as roupas) Não demora, ouviu?

LAVADEIRA - (Volta) Eu trouxe este guarda-chuva, caso possa vir a chover. As nuvens, ultimamente, tem andado muito sem' responsabilidade. Volto já... é só entregar as roupas e partiremos pelo caminho do rio! (Sai)

MENINO - Sim! (Baixo, para as crianças) É bom eu não dizer mais nada, senão, ela volta e nunca nós sairemos para a nossa '



.....

viagem!

LAVADEIRA - (Voltando) Eu já entreguei, no palácio, o vestido da ' princesa! Já entreguei as meias do senhor Frade e aquela toalha de mesa... Agora, vou correndo entregar as ' ceroulas do Rei Pafúncio Anastácio e volto logo! Até ' breve! (Sai)

MENINO - Está certo!

LAVADEIRA - (Voltando) Juízo, ouviu?(Sai)

MENINO - Ouví. Uf! Como é difícil viajar com lavadeiras! Eu devia ' era ter escolhido uma aero-moça, que já sabe viajar e tem horário, e coisa e tal!

LAVADEIRA - (Voltando) Entreguei tudo, menos a ceroula.

MENINO - O que é ceroula?

LAVADEIRA - É a avó da cueca! Antigamente, no tempo das fadas, os ' homens usavam ceroulas, que eram umas cuecas compridas como estas, aqui! Agora, os tempos mudaram... fui en- ' tregar as ceroulas, já não existem mais estórias de fadas... O Rei Pafúncio Anastácio, sumiu! No lugar do palácio dele, está morando um tal de Super- Homem! E o ' palácio, agora, é todo em quadrinhos!

MENINO - E o que tem isso? O Super-Homem é herói de estória em quadrinhos, ora!

LAVADEIRA - O que tem isso? Tem muita coisa! Fiquei sem saber o ' que faço com estas ceroulas!

MENINO - Você pode vesti-las e se algum dia você encontrar o rei, você de volve!

LAVADEIRA - Boa idéia! Mas, a gente pode vestir o que não é da gente?

MENINO - Mas o rei mudou... não deixou endereço.

LAVADEIRA - É verdade. Acho que vou vestir as ceroulas. Assim, se ' eu encontrar o rei pelo caminho, a gente explica, não ' é?

MENINO - É. Vamos?

LAVADEIRA - Falta eu me despedir da minha casa e buscar a mala. ' Volto já. (Sai)

MENINO - Será que a gente vai encontrar o meu barquinho? Será que ' o mar é muito cheio de perigos? (Suspira e espera, afli- ' to, a volta da lavadeira.)

(Ouve-se barulho de buzina. Aparece a lavadeira empurrando um carrinho fantástico, cheio de loucuras. No alto do carrinho, um enorme bolo de aniversário, bolas coloridas;



-
- quinhilhari^{as}. Do lado, uma buzina antiga.)
- MENINO - Mas o que é isso?
- LAVA DEIRA - É a minha mala.
- MENINO - Você vai viajar com tudo isso?
- LAVADEIRA - Com tudo isso, por enquanto. Eu levo só coisas supérflu^{as}!
- MENINO - O que são coisas supérfluas?
- LAVADEIRA - Levo só coisas que as pessoas não precisam. Eu acho ' lindo tudo o que chamam de supérfluo! Você já viu o ' que as pessoas levam nas malas? Elas levam só o neces- sário.
- MENINO - Minha tia, quando viajou, levou uma mala, com vestidos, ' meias, sapatos... Aquilo que ela iria precisar...
- LAVADEIRA - Horrível! O que a gente não precisa, mas ama, isso é ' que é lindo! Você já viu como é triste uma mala de via- gem? Como é feia uma mala, aberta, com a roupa dobra- da, apertada? Uma viagem deve ser uma festa?
- MENINO - E aquele bolo de aniversário, serve para que?
- LAVADEIRA - Ah, este bolo não é supérfluo! Ele é muito necessário! Você já imaginou como deve ser horrível a gente encontrar alguém no caminho, que esteja fazendo aniversário e não ter nenhum bolo? Seria muito triste!
- MENINO - Lavadeira, você é maravilhosa!
- LAVADEIRA - Menino, você é maravilhoso (abraçam-se). Em frente! Em busca do Barco de Papel que fugiu para o mar cheio' de ondas e ventos e peixes e espumas e verdes e azuis' e... (Começa a ficar sem ar).
- MENINO - Respira!
- LAVADEIRA - Não é que eu me esqueci de respirar? Eu estava tão em- polgada...
- MENINO - Vamos?
- LAVADEIRA - Vamos! (Lavadeira liga uma vitrolinha de pilha que co- meça a tocar, aos solavancos)
- MENINO - A vitrola enguiçou!
- LAVADEIRA - É... parece que está meio ruim, não é? Sabe, você espe- ra um pouquinho que eu vou lá em casa buscar o minicas sete e volto já!
- MENINO - Mas a gente já está começando a viajar... Não podemos vol- tar!
- LAVADEIRA - Só gente sem imaginação é que não pode voltar. Viva a' liberdade de ir... e vir... de ir... e de vir... (Vai'



.....

e volta, sem parar). Isto é que é viver! Volto já!
(sai)

LAVADEIRA - (Voltando) Ir e vir! (Sai)

MENINO - A gente está perdendo tempo!

LAVADEIRA - (Voltando e procurando pelo chão) Perdendo tempo? Não! estou vendo nenhum tempo perdido! O tempo não é da gente nem do relógio! (Voltando a sair e voltar) Não demoro! Vou buscar o meu minicassete.

MENINO - Esta lavadeira é diferente de tudo o que já vi... Talvez! ela esteja certa! (Risca no chão e começa a brincar de a marelinha)

MENINO - (Joga uma pedrinha e começa a pular) Ir... e ...vir! Agora, a casa número 2! Ir ... e vir...! Vou agora para a casa número 3... Ora! errei! Quase que a pedrinha caiu no céu!

(Aparece um ator com a máscara de sol. É um enorme sol cor de rosa.)

SOL - Bom dia, eu sou o sol! Muito prazer em conhecer você, que é um menino!.

MENINO - O senhor é o sol? É mesmo?

SOL - Mesmo de mesmo, mesmo!

MENINO - Puxa!

SOL - O que foi?

MENINO - Sempre pensei que o sol fosse diferente... Sempre pensei! que o sol fosse amarelo!

SOL : Mas, eu mudo de cor... Quando as coisas começam, eu sou cor! de rosa, cor de madrugada. Hoje, estou na base do cor de rosa. Entendeu?

MENINO - Não.

SOL - Que ótimo! Quando a gente não entende, é que a gente aprende coisas novas. A gente fica sem entender, aí, começa a pensar ... pensar... pensar... e descobre coisas novas! Tenho muita pena das pessoas que entendem tudo... mas admiro as pessoas! que não entendem. Você é um menino formidável! Entendeu?

MEMINO - Não!

SOL - Mas que memino genial! Ele não entende as coisas! Tém a cabeça cheia de dúvidas! Isto é muito importante e muito necessário!

MENINO - Eu não entendo mesmo muitas coisas! Eu não entendo o motivo... a razão. Mas por quê o meu barquinho de papel fugiu?
(Pausa) Amigo Sol, o senhor que vê tudo, por acaso viu um



-
- barquinho de papel fugindo para o mar?
- SOL - (Começa a dançar e cantarolar)
Se vi... não posso dizer.../ não posso dizer... eu juro!/ Se eu contasse o que visse/ seria um Sol... "dedo-duro"!
- MEMINO - O senhor sabe, e não conta?
- SOL - Sei de muitas coisas... e não conto! Faz parte da minha profissão de sol. Imagine só quantas coisas um sol vê, durante' o dia! Se eu contasse tudo, seria um sol muito encrenqueiro. Bem, eu só vim conhecer você e desejar boa viagem! Até logo, até breve, até qualquer dia! (sai)
- MENINO - Até logo, amigo Sol Cor-de-Rosa! Gostei muito de conhecer o senhor! Boa viagem pelo céu cheio de estrelas, sóis e ' borboletas, foguetes e anjinhos!
- LAVADEIRA - (Voltando). Pronto, cheguei! Uf! Trouxe a Matilde comigo, viu? (Mostra uma patinete)
- MENINO - O nome da patinete é Matilde?
- LAVADEIRA - É. Eu acho que ela tem cara de Matilde. Antes de dar ' este nome, pensei em chamá-la de Isidora... Mas ela ' preferiu ser Matilde!
- MENINO - Ela fala?
- LAVADEIRA - E você já viu patinete falar, menino? Ela pensa... e ' eu escuto o que ela pensa no meu minicassete!
- MENINO - Eu também quero ouvir o que a Matilde pensa! Deixa eu escutar!
- LAVADEIRA - Então eu vou ligar o meu minicassete. Mas antes, você ' pergunta qualquer coisa para ela poder responder, está ' bem?
- MENINO - Que bom! Eu vou conversar com a patinete Matilde! Deixa ' eu ver... o que será que posso perguntar?... Ah, já sei!' (Faz uma reverência para a patinete) Dona Matilde, quantos anos a senhora tem? (Ouve-se um som de louça quebrando, gritos e raiva, etc).
- MENINO - O que é isso?
- LAVADEIRA - A gente nunca pergunta a uma senhora idosa quantos anos ela tem... Ela ficou zangada, não é Matilde?
- VOZ DO MINICASSETE - Ih! Que gente chata! Fica perguntando bobagens! Vamos logo viajar... Vamos!
- LAVADEIRA - Ouvia?
- MENINO - Ouí. Puxa, eu nunca pensei que Matilde tivesse tão mau ' gênio!
- LAVADEIRA - É que ela está um pouco velha e irritada. Vamos?

-
- MENINO - Vamos! Vamos viajar! (No fundo branco, a lavadeira e o menino começam a desenhar a paisagem, enquanto viajam)
- LAVADEIRA - Veja que linda árvore!
- MENINO - Puxa! O caminho do rio é cheio de flores! (desenha flores)
 Como é linda a viagem?!
- (Vão seguindo viagem o menino agora, empurra o carro e a lavadeira anda de patinete)
- LAVADEIRA - (Indo para a frente e voltando, acompanhada do menino)
 Ir... e... voltar.../ sem hora de chegar.../ ir...e... voltar/ pelo caminho do rio!
- MENINO - Vamos chegar ao mar!
 (Começam a cantar a música de "Onde está a Margarida").
- MENINO - Onde está o meu barquinho,/ olé, olé, olá? Onde está o meu barquinho,/olé, seus cavaleiros?
- LAVADEIRA - Ele foi pro seu caminho,/ olé, olé, olá/ Ele foi por seu caminho/ pra chegar ao mar.
 (Aparecem dois cavaleiros. Um é verde, outro é azul.)
 Cada um, vem montado num cavalo de pau)
- VERDE - Meu nome é verde, monto num cavalo verde e meu caminho é verde!
- MENINO - Puxa, quanto verde!
- LAVADEIRA - Quando este verde amadurecer... Que beleza!
- AZUL - Eu sou o cavaleiro azul! Monto meu cavalo Azulão e só gosto de tudo azul!
- MENINO - Os senhores são muito coloridos e interessantes. Eu, sou cor de pele, minha calça é cor de calça, empurro um carro que é mala, cor de bagunça!
- LAVADEIRA - E eu, sou cor de lavadeira, uso roupa branca, ceroulas de rei... e ando na minha patinete Matilde, em busca de um barco que fugiu pro mar e... deixou este menino triste ... e aí resolvemos viajar e... aí eu... aí, ui ai,ui...
- MENINO - Lavadeira, você esqueceu denovo de respirar! Respira! Depressa! senão você sufoca!
- LAVADEIRA - Uf! É mesmo! Eu sou muito distraída! Fiquei tão empolgada, de contar a nossa história, que esqueci outra vez de respirar!
- MENINO - Esses cavalos são de verdade?
- VERDE - Eles são de brinquedo!
- LAVADEIRA - Então, eles devem ser primos do meu rio, ele também é de brinquedo!



.....
(Ouve-se um som muito agitado do Minicassete)

MENINO - Que barulho é esse?

LAVADEIRA - Matilde está querendo dizer alguma coisa. Vamos ouvir;
no minicassete o que diz a minha bela patinete!

(Ligam o minicassete)

VOZ DE MATILDE - Que lindo cavalo verde! Acho que estou apaixonada!
Quero viajar com ele!

LAVADEIRA - Ouviu?

AZUL - O que foi?

LAVADEIRA - A voz da minha patinete é encantada. Ela fala por este
minicassete aqui, sabe? Ela está apaixonada pelo cava-
lo verde!

VERDE - Pelo meu cavalo? E agora?

VOZ DA MATILDE - Eu quero viajar junto com o cavalo verde! Eu que-
ro e quero e quero!

VERDE - (Começa a pular como se o cavalo estivesse muito bravo).

Ui! Ai! O meu cavalo está impossível! Ui! Ai! Eu vou cair!
do meu cavalo!

AZUL - Vamos fazer a vontade deles. Você monta comigo neste cavalo
e deixamos o cavalo verde seguir viagem com a Matilde.

VERDE - Vejam, o cavalo se acalmou! Ele quer viajar junto com a pa-
tinete Matilde!

LAVADEIRA - Foi amor à primeira vista! Menino, você monta o cavalo
verde... se o dono deixar, é claro!

VERDE - Eu não sou dono do meu cavalo... Eu sou amigo dele. Se ele
quer ficar com a patinete Matilde, que seja, felizes.

(Muda para o cavalo azul, e ficam os dois montados no cava-
lo azul. O menino monta o cavalo verde.)

VERDE - Adeus! Que o cavalo verde seja muito feliz com a patinete!
Matilde!

AZUL - Adeus! (Saem)

MENINO - Como o mundo é cheio de surpresas! Veja! Matilde parece
muito feliz! E o verdinho também!

LAVADEIRA - Em frente! Marche!

MENINO - Como é que eu vou montar o cavalo e empurrar o carrinho?

LAVADEIRA - Vamos botar o cavalo e a Matilde no carro. Assim eles
podem conversar. E nós empurraremos!

VOZ DA MATILDE - Oh! Como sou feliz! Sou a mais feliz das patinetes!
(Colocam a patinete e o cavalinho no carro e come-
çam a empurrar.)

MENINO - Um, dois, / feijão com arroz!

.....

LAVA DEIRA - Três, quatro/ é bom e barato.

MENINO - Cinco e seis/ com molho inglês!

LAVADEIRA - Sete e oito/ comendo biscoito!

MENINO - Nove e dez... (Os dois pulam no rio)/ Molhamos os pés!

LAVA DEIRA - Ai, como a água está gelada! Atchin!/ Vou acabar resfriada! Atchin!

(Aparece um sapo)

SAPO - Quac!

MENINO - Veja, um sapo!

SAPO - Quac! Veja, um menino!/E uma lavadeira/ com muita bagagem/ seguindo viagem/ Quac! Ai, que bobagem!

MENINO - Um sapo que fala!

SAPO - Um menino que fala!

MENINO - Mas menino, fala, sapo, não fala!

SAPO - Este é o ponto de vista dos meninos. O ponto de vista dos sapos, é diferente! Eu sou sapo e falo. Falei e disse!

MENINO - O senhor é sapo de nascença?

SAPO - Não. Eu sou sapo naturalizado. Sabe o que é?

LAVADEIRA - Explica para a gente. O que é naturalizado?

SAPO - Se você nasce no Reino de Faz de Conta e vem para o Brasil' e quer ser brasileiro, aí, você se naturaliza brasileiro. Quer dizer, você é Faz de Contês de nascença e brasileiro' naturalizado.

LAVADEIRA - O senhor nasceu no Reino do Faz de Conta, é?

SAPO - É. Eu nasci lá e fui rei de uma estória de fada. Aí, apareceu um Super-Homem grandão, que voava, muito brigão, dizendo que era herói de estórias em quadrinho. Me deu um empurrão e foi morar nas minhas estórias, dizendo que os tempos' tinham mudado.

MENINO - E aí?

SAPO - Eu fiquei desgostoso... Quac! Mudei para este rio e resolvi me naturalizar sapo.

LAVADEIRA - Como era o seu nome de rei?

SAPO - Era rei Pafúncio Anastácio.

LAVADEIRA - Achei, achei! Viva! Achei o dono das ceroulas bordadas!

Vou devolvê-las! A Pafúncio, o que é de Pafúncio!

(A lavadeira quer devolver as ceroulas, mas o sapo não aceita.)

SAPO - P_ode ficar com elas. É uma das vantagens de não ser rei. Um rei, tem que usar ceroulas e um sapo, pode andar de bum-bum ao vento, feliz e livre!



.....

Sabe, as pessoas são esquisitas..Se vêm alguém pelado, acham feio. Mas se vêm um sapo de ceroulas acham ridículo! Vivendo e aprendendo, como diz a minha mulher sa pa, que já foi até rainha dos Sete Reinos... vivendo e aprendendo e ... mudando! Ah! Quac! E por falar nisso, está na hora de eu jantar com a minha sapa! Adeus!

MENINO - Espera!

SAPO - O que é?

MENINO - O senhor viu passar um barco de papel por este rio?

SAPO - Ví. Ele foi por esta direção! Ia com uma pressa! Quac! (Sai o sapo)

MENINO - Será que o meu barquinho vai saber enfrentar o mar?

LAVADEIRA - Não se preocupe, nós vamos encontrar o barquinho. (Pausa. Anoitece) Ih, está anoitecendo!

MENINO : Que frio!

(Ouve-se o sapo cantar, tipo cantor de ópera)

VOZ DE SAPO - Canto... e a sapa que eu amo tanto/ não me escuta,/ está dormindo... Canto, e enfim...

MENINO- O que é isso?

SAPO - (Voltando) Sou eu, ora bolas! Você não que está frio? (Canta) Sapo cururú/ na beira do rio/ quando o sapo canta, menino/ é porque sente frio!

(Sai cantando: "Canto, e a sapa que eu amo tanto...")

LAVADEIRA - É, o sapo tem razão, está frio, ele canta. E contra es curo, a gente tem que acender uma luz... Ih, eu não trouxe lanterna! Você trouxe?

MENINO - Não trouxe. E a gora? O escuro vai chegar! E agora?

LAVADEIRA - Eu tenho uma idéia! Eu tenho uma idéia! Oba! Oba! Que boa idéia!

MENINO - Diga, diga depressa!

LAVADEIRA - Vou acender o bolo de aniversário! Vai ficar lindo!

MENINO - Puxa, que lindo! Vamos iluminar o escuro com um bolo de a niversário!

LAVADEIRA - Mas este bolo, é encantado! Ele só acende, se você can tar Parabéns pra você e coisa e tal! Ele é um bolo mui to festivo, sabe?

MENINO - Então vamos cantar! Vamos cantar juntos e bem alto, fazer uma festa e espantar o escuro e ficar feliz, feliz, feliz! Parabéns pra você,/nesta data querida/ muitas felicidades/ muitos anos de vida!

LAVADEIRA - Bis! Bis!

.....

(Cantam novamente pedindo a participação das crianças, O bolo é aceso. Aparece o pirilampo, com uma lanterninha que pisca, verde).

LAVADEIRA - Oi, boa noite, seu Pirilampo?!

PIRILAMPO - Boa noite e muito obrigado pelo bolo, mas, como é que vocês sabiam que hoje eu completo seis anos de idade?

MENINO E LAVADEIRA - Parabéns para o pirilampo/ nesta data querida/ muitas felicidades/ muitos anos de vida!/ Viva o Pirilampo!

PIRILAMPO - (Comendo um pedaço de bolo e cuspiendo) Ih, este bolo é de que?

LAVADEIRA - É um bolo de mentirinha, sabe? Um bolo de papelão! E de faz de conta... pode ter todos os sabores!

PIRILAMPO - Então vamos comer de mentirinha!

MENINO - (Se lambuzando, em mímica) O bolo é de chocolate com creme!

LAVADEIRA - Meu pedaço é de morango, e tem um pouco de baunilha e um monte de sorvete... Hum! Que delícia!

PIRILAMPO - Eu, adoro bolo de espinafre com geléia de abacate, salpicado com... com... vinagre! Hum... que delícia!

LAVA DEIRA - Cada qual tem o seu gosto,/ tudo pode ser gostoso,/ chocolate ou espinafre/ ou sorvete bem cremoso!

(Mímica de comidas e bebidas)

(Eles brincam de roda. Pouco a pouco, vai chegando o sono).

PIRILAMPO - Puxa, que festa maravilhosa! Comer e beber de mentirinha, é muito gostoso! Uf! Puf! estou cansado! (Bocejando) Acho que vou para casa e ... muito obrigado, parabéns para mim, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida! Até logo! (Sopra o bolo)

LAVADEIRA - Nós também vamos dormir. Boa noite!

MENINO - Boa noite e muitas felicidades! Pode levar o bolo, viu Pirilampo?

PIRILAMPO - Obrigadinho! E vou apagar a lanterna, também, para vocês dormirem bem. Boa noite! (Sai)

(Lavadeira e menino deitam no chão e adormecem. Lavadeira ronca, menino assobia, enquanto dormem.)

MENINO - (Sonhando) O meu barquinho fugiu para o mar...

(Aparece um personagem misterioso, todo vestido de brilhos de prata. Anda de leve, arrastando um manto).

PERSONAGEM - Dorma, menino,/ que é noite de luar,/ um manto de es-



-
- trelas/ vai te agasalhar! (Cobre o menino com o manto)
Eu trouxe uma estrela/ eu trouxe um luar/ eu trouxe um
sininho de prata pra tocar... (Toca o sininho)
- MENINO - Lavadeira! acorda! Veja! Tem uma coisa brilhando aqui, coi-
sa de brilhos e sinos!
- LAVADEIRA - Será algum astronauta?
- PERSONAGEM - Boa noite, amigos. Eu sou o Sonho do Barquinho de Pa-
pel.
- MENINO - O senhor é o Sonho de meu barquinho?
- PERSONAGEM - Sou.
- LAVADEIRA - Puxa, que sonho importante, para um barquinho de pa-
pel! Quanto brilho!
- MENINO - Quer dizer que o meu barquinho sonhava com tudo prateado,
assim?
- PERSONAGEM - Seu barquinho sonhava com uma mar de prata, ao luar,
e com pérolas do mar, brilhos e reflexos...
- LAVADEIRA - Que bonito! Eu queria sonhar assim, mas sou lavadeira,
só sonho com máquina de lavar roupa...
- MENINO - E onde está o meu barquinho?
- PERSONAGEM - Ele está navegando os brilhos do mar e a sua liberda-
de de ser barquinho.
- MENINO - Mas ele era meu... Ele fugiu de mim!
- PERSONAGEM - Como é que alguém pode ser dono da liberdade do outro?
Como é que você pode dizer que ama o seu barquinho e
querer que ele seja seu? Ele é das ondas... talvez...
mas as ondas vão e vem.
- MENINO - Mas eu gosto do meu barquinho!
- PERSONAGEM - Ele também gosta de você... mas ele seguiu o seu cami-
nho. O mar é o caminho dos rios e dos barcos.
- MENINO - Eu acho que estou entendendo...
- LAVADEIRA - Quer dizer que não se deve forçar o barquinho a voltar
com a gente, é isso?
- PERSONAGEM - Eu sou apenas um sonho. Vocês vão saber, quando che-
gar a hora... (Personagem toca o sino e sai)
- LAVADEIRA - Será que foi um sonho?
- MENINO - Ele disse que era um sonho.
- LAVADEIRA - Se ele era o sonho do barquinho... talvez o barquinho
já esteja por perto! Vou perguntar ao Manequinho! (Vai
para o carro e pega um fantoche de vara) Manequinho,
responda para nós, como é o seu nome todo? (Lavadeira



.....

muda de voz, falando pelo boneco) Meu nome é Manequinho dos Ventos e Barcos e Ventanias!

MENINO - Manequinho, você viu meu barco de papel?

BONECO - Sim, com certeza, certamente, na corrente, sim eu vi. Ele está chegando, pelo lado do mar... Cresceu, virou um barco grande, cheio de vento e grandeza. Veio pela correnteza. Veio chegando e chegando e chegando e chegando e... 'chegando... quase... quase... (Fala como locutor de futebol) Aponta a direção para os companheiros, vem correndo' pelo campo e... Goooooooooooool do Barquinho!
(Aparece o Barquinho)

MENINO - O Barquinho chegou! Goooooooooooool do meu barquinho! Achei o meu barquinho! Goooooooooooool da felicidade!

LAVADEIRA - Obrigada, Manequinho! Viva! Festa! Goooooooooooooooool do encontro do Barquinho com a seleção da lavadeira, do menino e da torcida! Palmas para o Barquinho!
(Silêncio)

MENINO - Puxa, você cresceu!

BARCO - Você também!

MENINO - Nós estávamos viajando à procura de você... você fugiu de mim, não é?

LAVADEIRA - O menino estava tão triste...

MENINO - Mas como você cresceu!

BARCO - Foi a liberdade do mar... muito sol... muito vento... muito peixe...

LAVADEIRA - Isto aqui, já é o mar?

BARCO - É o mar... mar-oceano. Bonito, não é?

LAVADEIRA - (Corre para o carrinho, tira uma bóia, pés de pato, equipamento de mergulho e faz o menino usar. Ela também usa).

LAVADEIRA - Ponha a bóia, menino... Cuidado! O mar-oceano tem ondas e corais, peixes e maravilhas!

MENINO - Quer dizer que o rio já desaguou no mar? Então vamos guardar o rio!

(Os tres enrolam o rio)

LAVADEIRA - Mas que barco educado!

BARCO - E agora?

MENINO - Você vai voltar conosco , não é?

BARCO - Mas... Vocês guardaram o rio... Como é que eu posso voltar?

MENINO - Lavadeira, ele tem razão. Sem o rio, ele não pode voltar!

LAVADEIRA - Então, vou desaguar o rio. Vamos?

MENINO - Vamos! Quanto trabalho!



.....
BARCO - É rio de água doce, é?

LAVADEIRA - É doce que nem goiaba...

BARCO - Eu... só gosto de água salgada!

LAVADEIRA - Menino, mexa lá no carrinho e veja se eu trouxe o sa-
leiro!

(Menino procura, acaba encontrando)

MENINO - Achei o sal!

LAVADEIRA - Vamos temperar o rio para ele ficar no gosto do barqui-
nho.

BARCO - Muito obrigado, mas cuidado senão ele fica muito salgado!

LAVADEIRA - Menino, pega uma colher de pau para eu mexer o rio, sim?

MENINO - Pronto. Aqui está!

(Lavadeira mexe o rio, põe sal, tempera)

BARCO - Posso experimentar?

LAVADEIRA - Pois não, veja se está no ponto!

BARCO - (Põe o dedo dentro do rio, depois lambe o dedo. experimen-
tando) Desculpem, mas vocês trouxeram um pouco de pimenta?
O rio ficou meio sem gosto...

LAVADEIRA - Salta a pimenta! (para as crianças) Este barco está fi-
cando um pouco exigente, vocês não acham?

MENINO - Com sal e pimenta/ vamos temperar

LAVADEIRA - Um rio de brinquedo/ pro barco navegar...

BARCO - Um rio de brinquedo/ eu quero passear/ com velas de velei-
ro/ ao vento vou brincar!

LAVADEIRA - Tudo que for de água/ no rio vou jogar!

MENINO - E tudo o que for bonito/ vou deixar cair no mar! Um bolo'
de mentira/ e bolas de assoprar/ dois cavalos marinhos '
(joga os cavalos de pau) também vão para o mar!

LAVADEIRA - Que agora, neste instante,/ eu compreendi o veleiro/ '
barquinho-vento e sonho são todo o seu roteiro!

BARCO - Sou barco de brinquedo/ igual ao rio e ao mar/ igual ao '
vento claro que me faz navegar!

MENINO - Barquinho, será que você quer mesmo voltar conosco? De re-
pente, comecei a pensar que estamos tirando a sua liberda-
de de ir e de voltar, de viajar por águas de oceano, de '
brincar com ondas lindas, todas estas coisas que você ve-
io conhecer...

BARCO - Eu vim conhecer. Agora já conheço. Agora estou com vontade
de voltar...

MENINO - De voltar conosco?

LAVADEIRA - Será que você quer mesmo?



-
- BARCO - Quero. Eu quero voltar... e quando me der vontade de vir ' para o mar, vocês não fiquem aflitos... Sabe, eu sou um ve leiro, e de vez em quando sinto falta das coisas que estão longe.
- MENINO - Quer dizer que você quer voltar porque o longe, agora, é' onde nós morávamos?
- BARCO - Talvez. Vamos viajar?
- MANINO - Ao rio de voltar!
- LAVADEIRA - Ao rio de lavar roupa/ com água e sabão/ ao rio de ' brinquedo/ que estendo pelo chão!
(Menino pega uma canequinha e um canudo e faz bolhas ' de sabão)
- BARCO - Ao rio, ao barco, ao longe!
(Aparece uma fada-princesa)
- BARCO - Vejam... Apareceu uma pessoa linda!
- MENINO - Quem é a senhora?
- LAVADEIRA - Que bonita!
- FADA-PRINCESA - Eu sou a Fada-Princesa que aparece no final da es- tória do príncipe!
- MENINO - Que príncipe?
- FADA-PRINCESA - O príncipe que queria casar comigo!
- BARCO - A senhora está falando de coisas que não aconteceram nessa estória!
- LAVADEIRA - Nessa estória, apareceu um sol...
- MENINO - (Desenha pelas paredes com giz) Um sol...
- LAVADEIRA - E coisas de rio e de mar...
- MENINO - (Desenhando um barco) Coisas de barco...
- FADA-PRINCESA - Eu acho... eu acho que está havendo um engano... ' (Pega um caderninho de endereços e lê) Aqui não é' Rua das Laranjeiras, número das Laranjas, aparta- mento das tangerinas?
- MENINO - Aqui é um lugar sem endereço.
- BARCO - É um lugar de coisa e tal, sabe?
- FADA-PRINCESA - Será que eu me enganei de estória? Oh, que cabeça, a minha! Ando tão confusa...
- BARCO - Acho que a senhora se enganou de estória. Ou, quem sabe, a senhora escolheu uma estória... mas esqueceu de lembrar ' que as estórias é que escolhem a gente!
- FADA-PRINCESA - Se eu me enganei de estória, o que eu faço com o ' meu vestido?
- LAVADEIRA - O que tem o seu vestido? Está branco, engomado e lava



-
- dinho! Um lindo vestido! Quando ele sujar, eu quero lavar este vestido com água de anil e pendurar estes panos todos num varal, e deixar enfeitando a paisagem com ele!
- FADA-PRINCESA - É um vestido de noiva... era para casar com o príncipe da outra estória!
- BARCO - Já que a senhora errou de estória, errou e pronto. Agora, fica conosco, está bem?
- FADA-PRINCESA - E o príncipe?
- MENINO - Príncipe? Já era! Ele vai acabar casando com uma Branca de Neve ou Cinderela, ou qualquer enjoadinha assim.
- LAVADEIRA - E vai até cometer a infelicidade de "ser feliz para sempre".
- FADA-PRINCESA - E ser feliz para sempre, não é bom?
- BARCO - É muito chato! Ser feliz para sempre, me lembra chinelo, cor de burro quando chove e dia de chuvinha fina! Ser feliz é coisa de repente, é coisa de viagem, festa, maravilha! Fica conosco... venha viajar!
- MENINO - E se a senhora fizer muita questão de casar, pode casar com o Barco...
- BARCO - Eu quero casar co a senhora... aí teremos festas e mares, muitos filhos barquinhos de papel, com jeito de fada e de princesa!
- FADA-PRINCESA - Eu... eu... aceito, pronto! Foi amor a primeira vista! Esta estória é muito bela e eu feliz... agora. Você é um veleiro maravilhoso... meu barco, minha viagem, minha caravela!
- LAVADEIRA - É festa de casamento! Festa de Casamento! Viva a felicidade deste momento! (Veste uma roupa de juiz) Senhor Barco de Papel, aceita esta Fada-Princesa em casamento?
- BARCO - Aceito! Oh, como sou feliz!
- LAVADEIRA - E a senhora aceita este Barco de Papel para viajar com ele a viagem de lua de mel?
- FADA-PRINCESA - Aceito... ora, com muito prazer!
- MENINO - A Fada-Princesa e o Barco de Papel estão casados! É festa! Viva! Oba!
- (Menino pega um pente e um pedaço de papel de seda e começa a tocar a marcha nupcial).
- LAVADEIRA - Não existe coisa mais bonita para enfeitar uma festa, do que um varal! Vamos fazer um varal cheio de roupas de papel... e "brincar de ser feliz"!



.....

(Pega algumas crianças na platéia. As crianças seguiram pedaços de fita, coloridas. Com pregadores, a lavadeira e o resto do elenco, prega roupas recortadas de papel no varal).

SOL - (Entrando) Um varal... que bonito!

FADA-PRINCESA - Ih, o sol está muito perto... vai queimar o nariz das crianças! (Pega um vidrinho de creme branco de bronzear e passa no nariz das crianças) Pronto! Assim, vocês não vão ficar de nariz vermelho! O sol está muito forte!

SOL - Viva o Barco de Papel!/ Viva o Rio de Flanela!

MENINO - Viva o creme no nariz... (Aponta uma criança)/ Olha só a cara dela!

LAVADEIRA - Viva a nossa brincadeira!

FADA-PRINCESA - Viva a Dona Lavadeira!

BARCO - Neste mundo de astronautas/ de foguetes pelo céu/ sempre pode haver viagens / de barquinhos de papel!

(Lavadeira corre para o carrinho, pega foguetes de papel, barquinhos, papel picotado, e joga pela criançada).

LAVADEIRA - Neste mundo de astronautas de foguetes pelo céu, sempre pode haver viagens de barquinho de papel!

.....\$\$\$\$\$.....

